



ZIRALDO

BONEQUINHA DE PANO

uma peça
de teatro
para crianças
e jovens


MELHORAMENTOS

ZIRALDO

**BONEQUINHA
DE PANO**

PEÇA EM DOIS ATOS
PARA UMA SÓ ATRIZ

Ilustrações:

MIG



SUMÁRIO

Introdução

1.º ato

2.º ato

Ziraldo

Créditos

Aqui está um conto escrito para crianças, para jovens, para a família inteira ou para todo mundo que tem saudade do tempo de infância. Um conto escrito em forma de peça de teatro, narrado por uma boneca de pano.

Virou peça de teatro pois, só no teatro, que é a imitação da vida, uma boneca de pano pode falar e contar sua história. No segundo ato a narradora já é outra. Aí está o segredo desta

narrativa:

ela mostra que a vida é uma coisa
que recomeça
sempre, que se renova, que é como
uma roda,
uma linha circular, que a gente não
sabe
onde começa nem onde acaba.

Esta peça
pode ser lida em casa – com todo
mundo
prestando atenção –, pode ser lida,
só a
gente mesmo, numa caminha
macia e
pode virar um espetáculo de teatro,
com

uma atriz mostrando todo o seu
talento. Ou
com uma porção de crianças
recompondo
toda a história que a Bonequinha de
Pano conta.

O bom desta narrativa é que a
gente pode
inventar muito em cima dela, tanto
os
nossos sorrisos como as nossas
lágrimas.



1.º ATO

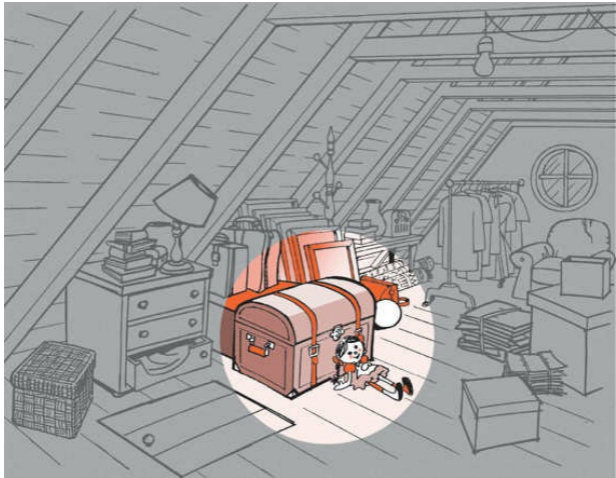
(DETALHE DE UM SÓTÃO. EM PRIMEIRO PLANO UM BAÚ ANTIGO, ALGUMAS CAIXAS SOLTAS PELO PEDAÇO DO SÓTÃO QUE APARECE ENQUADRADO NO CENTRO DO PALCO. HÁ POUCA LUZ. UM FOCO ILUMINA, DEITADA AO LADO DO BAÚ, UMA BONECA DE PANO. COMO O BAÚ É ENORME E NÃO HÁ

REFERÊNCIA DE
PROPORÇÕES NO PALCO, A
BONECA DEVERÁ PARECER
UMA PEQUENA BONECA, MAS
É A ATRIZ. À MEDIDA QUE O
FOCO VAI FICANDO MAIS
NÍTIDO, COMEÇAM OS
VERSOS DA CANÇÃO DE
ABERTURA. CANTADA POR
UMA VOZ MASCULINA, BEM
SUAVE:)

*É preciso fazer
uma canção
para despertar as bonecas.
É preciso que todos escutem
o despertar das bonecas.*

*É preciso saber que uma
boneca*

*também abre os olhos
a cada manhã
sem que seja preciso
mover sua linda cabecinha;
e abre seus braços macios
à luz da manhã
Como pra dizer ao dia
que reinvente as fantasias
dos sonhos que se sonhou.*



(QUANDO A MÚSICA TERMINA, A BONECA, QUE DESPERTOU NUM BALÉ GESTUAL AO RITMO DA CANÇÃO, JÁ ACABOU DE ACORDAR. AÍ, ELA SE VIRA PARA O PÚBLICO E COMEÇA A SUA FALA.)

Boneca:

Para onde vão as bonecas quando a menina cresce? (PAUSA) Eu sei de mim! Eu estou aqui. Ah, sim... Eu sou uma bonequinha de pano. Vê-se, não é? Nunca fui boa de articulação... Quer dizer, nunca tive juntas... nem cotovelos, nem joelhos... Posso dobrar os joelhos pro lado que eu quiser, olha aí... aaaiiii!!! Meus Deus, como as minhas juntas estão enferrujadas! Oh, me esqueci que não tenho juntas... e nem me consta que bonecas de pano enferrujem... Sou feita de

pano e palha, olha aí. (TIRA PALHAS DE DENTRO DO CORPO) Enferrujar!!! A não ser que eu fosse de ferro. Que eu fosse um robô! Se eu fosse um robô e saísse andando aqui pelo palco, até que ia parecer uma coisa natural, não é? Quer dizer, natural, não, que robô não é natural. Digamos: ia parecer uma coisa possível. Acho que vou ter que fazer ginástica. Ginástica! É duro pra robô, mas pra mim, ó... toda molezinha.

(FAZ MIL MOVIMENTOS INCRÍVEIS COM O CORPO.)

Boneca:

É fácil! Um, dois... um, dois...
bracinhos pra frente... bracinhos
pra trás. É um, é dois, é três...
perninha pro lado... perninha pro
outro...

(ENTRA O PIANO, E A BONECA
COMEÇA A FAZER GINÁSTICA
AERÓBICA E ANIMA TODO
MUNDO NA PLATEIA QUE A
ACOMPANHA COM PALMAS
BEM CADENCIADAS. NO FINAL
DA GINÁSTICA, PARA
CANSADINHA.)

Boneca:

Vai ver, daqui a pouco, os fabricantes de brinquedos vão inventar uma boneca que faz aeróbica. Que horror! Imagina: bonecas que malham e que molham! Que graça que tem? Eu – não é despeito, não – eu detesto!!! Boneca tem que ser fantasia, não é? Tem que ficar largada no tempo pra virar imaginação... Há um tempão que eu estou aqui, dormindo o sono das bonecas perdidas...

“Pra onde vão as bonecas quando as meninas crescem?”

Vocês já pensaram? Será que a Leninha, a menina que era minha mãe, sabe onde eu vim parar depois que ela cresceu?

Eu vim parar aqui neste sótão. Ah, meu Deus, o que é sótão? Vocês sabem? Vovó ensinou pra Leninha o que era sótão. E ensinou numa canção que era assim:

*Ah... me lembro de uma canção
que ensinava o que era sótão
e o que era porão...*

*Vi num desenho animado,
ao pé da televisão:*

*A menina na casa da avó
se ia ao porão
não achava o brinquedo,
se ia para o sótão
morria de medo.*

*Porão tem rato e aranha,
numa teia, pendurada,
tem poeira acumulada
que dá alergia e asma.
O sótão tem baú velho,
tem cupim e tem fantasma.
O porão fica lá embaixo:
entre a terra e o assoalho.
O sótão fica lá em cima:*

*entre o forro e o telhado.
O melhor que você faz
é não fazer confusão:
sótão é o contrário de porão.*



Boneca:

Este é o sótão da casa da vovó. Esta aqui é a casa da vovó da Leninha. Quer dizer, a casa

onde a Leninha morou com a vovó. A avó da Leninha era uma avó à moda antiga. Quer dizer: meio à antiga, daquelas que ainda recebem flores. Hoje, as vovós quase já não moram mais em casas. Moram em apartamentos... Imagine a Chapeuzinho Vermelho chegando no *apartamento* da vovó. Não dá, né? Aqui embaixo nós temos uma avó que ainda pode ser comida pelo Lobo Mau. Existem ainda algumas casas de avó. Com porão, jardim e sótão. E com avó dentro! Como esta aqui. É aqui em cima, no sótão, que se

guardam as coisas velhas que as pessoas da casa não querem jogar fora. Será que eu sou uma coisa velha? Não... não sou! As bonecas não envelhecem. Nem morrem. As bonecas não morrem! Peraí! As bonecas morrem, sim. (PAUSA.)

Elas morrem no momento exato em que a menina vira moça. Aí, ela não precisa mais brincar com boneca!... Aí, a menina que cresceu vira mãe de verdade. Não precisa mais ser mãe de boneca. Elas são como os elefantes. Ninguém sabe onde

é o Cemitério das Bonecas. Pode ser na garagem... pode ser num sótão... pode ser no lixo... pode ser na memória da menina. A boneca é o tempo de duração de uma menina!

O dia em que a menina *acaba*... acaba a boneca!



A minha mãe... quer dizer, a minha menina... Peraí, boneca chama a menina de mãe ou de menina? Aquelas bonecas de louça, todas embonecadas, dessas que têm voz na barriga, falam mamãe... Como palhaças! Mas, também, chamam de mamãe qualquer chato que aperte suas barriguinhas. Sem despeito... São umas bobocas! Eu, quando apertavam a minha barriga, eu não dizia nada, mas pensava: “Vai apertar a barriga da mãe!”. Naquela época eu não falava. Bonecas de pano não falam. Como? Como é que eu

estou falando? Olha... Vou explicar (FAZ UM GESTO ENGRAÇADO, AMPLO E FALA): a boneca existe para a menina fingir que é mãe. Logo, a boneca é um fingimento. (FALA PAUSADAMENTE COM UM GESTO AMPLO, BEM TEATRAL.) Por outro lado... O teatro existe para os personagens fingirem que são gente de verdade. Logo, o teatro é fingimento. (OUTRO GESTO AMPLO.)

Conclusão: boneca é teatro!

Aqui, eu posso fingir que sou uma boneca que está falando de verdade. Ou posso, de verdade, fingir que sou uma boneca falando (COM IRONIA). Ficou clara a minha explicação, não ficou?

(RUÍDOS VINDOS LÁ DE BAIXO, NA CASA.)

Oh... barulhos lá embaixo. Que será?

Há muito tempo que eu não ouço qualquer ruído aqui na casa da vovó. Enquanto eu dormia aqui

em cima – ou fingia que dormia – tudo lá embaixo era puro silêncio. Agora, estes ruídos, estas vozes. Que será? Que estará acontecendo? Se fosse há alguns anos, eu saberia. Eu ia adivinhar que hoje era sábado e que eram os netos chegando. Aquela barulheira!!! Parecia dia de teatro infantil... netinhos correndo por todo lado, criança brincando, gritando...

Eu a-do-ra-va!!!

É verdade que eu voava nas mãos dos meninos... vuuuptttt...

joga eu pra lá, joga eu pra cá... A Leninha ficava danada da vida, mas bem que gostava da visita dos primos. A Leninha era a minha mãe. Quer dizer: eu fingia que era a filha dela, e ela fingia que era a minha mãe. Ela era a minha menina. Nos dias de semana, depois dos deveres, ela vinha brincar comigo, conversar, bater papo, falar os seus segredos. Nos fins de semana, eu virava brinquedo de todos.

Ela tinha um primo... (ABRE O BAÚ, TIRA UMA ENORME BOLA DE FUTEBOL, PERFEITA.) Olha

aqui... Esta era a bola de futebol dele... Só que ele achava muito mais divertido me chutar... Era cada bico... Olha... Tenho uma cicatriz até hoje aqui, ó... (MOSTRA O BUMBUM.) Furou. Saiu palha pra todo lado!



A Leninha gostava do Bruno. Quando todos cansavam de brincar, os dois ficavam sentadinhos num canto e ela falava da vida dela... Penteando os meus cabelos feitos de lã preta. E o Bruno falava: “Esta sua bonequinha até que é bonitinha”. Eu ficava toda feliz, e ele completava: “De tão feia que ela é, é até engraçadinha!”. Um dia, o Bruno perguntou pra Leninha: “Onde foi que você arranjou esta bruxa?”. Ele era muito carinhoso comigo. “Bruxa, não, Bruno. Bonequinha de pano!” “Vá lá, bruxinha! Como foi que ela

apareceu aqui, na casa da vovó? Veio voando numa vassoura?” Carinhoso!!! A Leninha ficou brava: “Ela nasceu aqui, viu!? Nasceu nesta casa”. “Nasceu como?” – falou o Bruno. “Saiu da sua barriga?” “Para com isso, Bruno.”

As outras bonecas nascem nas lojas... nas fábricas de bonecas. Bonecas de pano nascem na casa da gente. Eu descobri: a vida das bonecas é toda ao contrário! As bonecas chiques compradas em lojas, as muito caras, lourinhas, de olhos

azuis, essas é que são as filhas adotivas. Já as feitas em casa – feito eu – é que são as filhas de verdade. Não é formidável? Eu, com esta cara de pivete, é que sou a titular. As bonecas de luxo ficam enfeitando o quarto que foi da menina. Ficam lá, no meio da cama, todas penteadinhas e limpinhas. Azar o delas. Boneca que enfeita não é boneca. É estátua!

E a Leninha falou: “Foi a vovó que fez minha boneca!”. E o Bruno: “Sozinha?”. “Claro!” “Sem marido?” “Claro, Bruno! Bonecas

não são feitas assim como crianças, não, seu bobo! Boneca de pano quem faz são as avós ou tias.” “Juntas?” “Não, Bruno. Para de falar besteira. A vovó fez a minha boneca sozinha, pronto. Com pano, linha e palha. Costurou!” “Ah!” – falou o Bruno. “Pensei que ela tivesse dado à luz. A vó assim de pernas abertas, e o médico, vupt, tirando a bonequinha e, zapt, dando aquelas palmadinhas na bundinha dela, e a boneca abrindo o bué!” “Deixa de ser bobo, Bruno! Eu vou cantar pra você como foi que a vovó fez a minha boneca.”

“Cantar ou contar?” “Cantar. A vovó fez a boneca e uma canção que ela fingia que era a boneca que estava cantando pra mim.”
“Canta!”

Olha, eu adorei quando o Bruno pediu pra Leninha cantar mais esta canção da vovó. Porque quem fazia eu dançar, me segurando pelos braços, era a Leninha. E ela inventava uma voz para mim e cantava. Sabe o que é bacana? Ela me dublava... É... eu não tinha voz, mas enquanto ela cantava, eu, baixinho, baixinho – só para mim –, repetia

cada palavra da letra. Que era assim... (BONECA CANTA E DANÇA PELO PALCO.)

Leninha, Leninha...

*eu sou a bonequinha da
Leninha.*

*Quem me fez, quem me fez,
vejam só*

*quem me fez, quem me fez
foi a vovó.*

*Eu saí da sua caixa de
costura,*

*muita linha, muita renda e
algodão.*

*Vovó tirou a palha do colchão
e usou suas agulhas de*

bordar...

*fez de seda a minha saia
rendada*

*de um vestido que ela usou
pra se casar.*

*Fez meu cabelo de lã
Santista*

*pois queria que eu fosse uma
artista,*

*minha boquinha ela bordou
toda contente*

com linha da marca Corrente.

E os meus olhinhos

ela fez com dois botões

*bem pretinhos da cueca do
vovô!...*

Por isso eu tenho este olhar

*de cueca,
por isso eu tenho
esta cara tão sapeca.
É por isso que eu sou uma
boneca
bonitinha,
por isso eu sou
a alegria da Leninha!*

Boneca:

O Bruno achou a música muito linda e achou que a Leninha tinha cantado muito bem. “Pena que este estrepe aí não saiba dançar direito.” Sempre simpático o Bruno... Mas a voz ele elogiou. Só que ele não sabe que eu era

ventrónica. Não: ventrícula! Não, não. Ventróquila... é... essa coisa aí que uma canta aqui e a voz sai lá, na boca de outro. Ventríboca! Ele falou isso e deu um beijo na boca da Leninha. Deu um beijo e saiu correndo... Eu fiquei com o gosto do beijo do Bruno até hoje na minha boca. Que beijinho bom!

Numa outra semana, depois de levar muito chute e voar pelo pátio da casa da vovó, acabei quietinha no colo da Leninha, de novo, ela sentada lá no jardim, conversando com o Bruno. (PEGA NA BOLA DE FUTEBOL.)

O Bruno jogava futebol muito bem, as crianças contavam. Tinha um pezão deste tamanho... E era muito perguntador. E aí, nesse sábado, ele perguntou pra Leninha: “Por que a vovó fez uma bonequinha de pano pra você, se ela podia comprar uma boneca francesa, linda?”. Ah... o Bruno, sempre tão gentil. “Porque ela preferiu fazer essa coisa horrorosa aí?” Se eu tivesse molas nos braços dava um murro nele! Mas eu olhei pra cara do Bruno assim e vi... era tudo mentira. Ele bem que gostava de mim. Quando cansava de correr

pelo jardim, me jogava no banco de pedra e, ó, sentava em cima. Tão quentinha a bunda do Bruno!... Aííí... a Leninha falou: “É que a vó nunca deixou a menina morrer dentro dela”. E o Bruno, rápido: “Quer dizer que ela nunca fez um aborto?”. Aí a Leninha perdeu a paciência: “Você é bobo, Bruno? Retardado?”. Eu olhei de novo pra cara do Bruno. Ele não tinha cara de bobo. Ele era, era muito lindo. E gostava tanto de conversar com a Leninha. Mas às vezes eu achava que ele tinha pés de poeta e cabeça de jogador

de futebol... A Leninha tratou de explicar: “A vovó foi menina e nunca se esqueceu da menina que ela tinha sido. É isso, Bruno. Aí ela sabe que menina precisa de uma companhia macia. E que todo mundo prefere um presente feito pelas mãos de quem dá, do que presente comprado feito. Entendeu?”.



A vovó da Leninha era demais,
mas a Leninha também era!

Querem saber de uma coisa?
Eu vou contar tudo. Desde o
princípio! Isso! Sentem-se aí que
eu vou contar é tudo. Ei, pessoal
aí do teatro... Finge aí que é de
noite, que estamos sentados num
jardim sob a luz do luar... Assim.
Tem uma porção de crianças
sentadas na minha frente, na
grama do jardim... vamos fingir
que é assim. Ei, pessoal do
teatro... acende um poste aí no

jardim pra eu ver se estão todos sentadinhos na grama, direitinho, pra ver se eles estão prestando atenção. (A LUZ DO POSTE ACENDE-SE.) Ah, que bom, estão sim. Pode apagar o poste que é pra todos ficarem olhando só pra mim. Alguém tem um violão? É... pra fazer o fundo musical... (UMA VOZ EM OFF CANTA:)

*Era uma vez uma menina
de olhos bem pretinhos,
cabelos bem corridos
como de índias
e uma pinta na ponta do*

nariz...

*uma menina que queria
ser feliz!*

Boneca:

Ela se chamava Leninha. Aliás, ela se chama Maria Helena. A mãe dela era psicóloga e trabalhava numa boutique. O pai dela era arquiteto e tinha um restaurante. Ela era muito querida. Papai gostava muito dela, e mamãe também. Mas, um dia, ela reparou uma coisa muito triste. O papai não estava gostando mais da mamãe, e a mamãe não estava gostando

mais do papai. Ela ficou muito preocupada. Na sala da casa dela tinha uma imagem de uma santa barroca muito bonita. Toda vez que a mamãe desejava alguma coisa, acendia uma vela de sete dias pra santa. E dizia: “Me ajude, santinha!”. Uma noite, papai e mamãe tinham saído pra jantar fora e conversar e, quando chegaram, o apartamento estava pegando fogo. Aquele fumacê! Eles abriram a porta e viram a Leninha – que ficara em casa com a babá – toda pequenininha, correndo da cozinha para a sala, com um copinho de água na mão

e jogando água nas velas. Água nas velas??? É... ela tinha acendido umas vinte velas de sete dias em volta da santa.

Aí, mamãe perguntou pra Leninha: “Pra que estas velas, minha filha? Que foi que você pediu à santa com tanta força?”. E a Leninha explicou: “Pra você não separar do papai”. Meninos... foi uma choradeira. Chorou mamãe, chorou papai, chorou Leninha... Até a babá acordou pra chorar... Chorava todo mundo. Chorava todo mundo!

(ALGUÉM BATE PALMAS LÁ NO FUNDO DA PLATEIA E COMEÇA A CANTAR O VELHO SAMBA:)

*Chorava todo mundo
mas agora ninguém chora
mais,
chora mais, chora mais...
Chorava todo mundo
mas agora ninguém chora
mais,
chora mais, chora mais...*

(ELE PUXA A CANÇÃO NO RITMO DAS PALMAS E TODO MUNDO CANTA, INCLUSIVE A BONECA.

TERMINA A CANÇÃO. BONECA BATE A ÚLTIMA PALMA PRA CHAMAR ATENÇÃO.)

Boneca:

Chora, sim! (PAUSA.) Essas coisas a gente não sabe como explicar. Quando têm que acontecer acontecem e pronto. Gente grande tem dessas coisas que não dá pra explicar para as crianças e não dá para explicar pra gente grande, também. Separaram-se, pronto. (PAUSA.) A Leninha veio morar na casa da vovó. Foi muito duro no começo. Leninha ficou achando, vejam só,

que a culpa era dela. “Será que foi por causa das velas?” Mas como, Leninha? Você não tem culpa alguma. Imagina! Ah, sim: agora quem está dizendo esta frase sou eu, diretamente para a Leninha, no canto da cama dela, ela dormindo abraçada comigo e conversando no escuro. Leninha dizia: “Você acha, Pitucha...”. Ah, sim, ela me chamava de Pitucha. Meu nome. “Você acha que eles se separaram porque não aguentavam mais viver na mesma casa comigo?” E eu falava pra ela: “Tá maluca, Leninha? Claro que não. Seu pai

te ama. Sua mãe te ama. Todo mundo ama você. Sua avó te ama como ninguém. Imagina!...”. Aí, ela dizia: “Que bom que eu tenho você para conversar comigo, Pitucha. Se não fosse você pra me ouvir, eu ia morrer de tristeza”. E eu dizia: “Pode contar comigo, Leninha. Eu nunca vou abandonar você”. E a Leninha falava: “E se você arranjar um boneco lindo e ele quiser casar com você? Um polichinelo bem elegante!”. E eu falava: “Ora, Leninha, bonecas não se casam. A única boneca que pode se casar é a boboca da

Barbie. Tem vestidinho de noiva pra vender e tudo!”. A Leninha ria muito com a minha implicância, ia ficando feliz com a nossa conversa e logo, logo já estava dormindo.



O quê? Mentira? Quem falou que é mentira minha? Ah, sim... como é que eu podia conversar com a Leninha se eu era uma boneca de pano que não falava e lá na cama da Leninha não era teatro, era cama de verdade? Eu explico, eu explico. Era a Leninha que falava as duas falas: a minha e a dela. Ela fazia as perguntas e na hora da minha resposta ela dava uma de ventrí... ventru... ventró... quer dizer, ela me dublava. Meninas sabem o que as bonecas de pano pensam. E ela

falava direitinho o que eu ia falar. Por isso é muito duro uma menina que vive sozinha não ter uma boneca pra conversar.

No dia em que a mãe e o pai da Leninha se separaram, eu nem era nascida. Mas de tanto que falamos sobre isso, parece que eu me lembro do dia tim-tim por tim-tim. Sabem por quê? Porque tem uma canção que a Leninha não pode ouvir, que ela chora...

(COMEÇA A TOCAR AS *TIME GOES BY.*)

Boneca:

É que esta canção era a do disco que estava tocando na hora que o pai pegou a mala e foi embora.

(AUMENTA O SOM DA CANÇÃO. BONECA PARA DE FALAR. FICA INTRANQUILA.)

Boneca:

Para! (SOLUÇA.) Para. Para esta música!

Quem botou esta música pra tocar? Para! Eu também fico

muito triste quando a ouço. Ei, pessoal... vira o disco! Vira o disco!!!

(CESSA A CANÇÃO E, EM SEU LUGAR, ENTRA UMA CANÇÃO ALEGRE, SALTITANTE, DE BOA QUALIDADE.)

Boneca:

Isto! Isto! (LIMPA OS OLHOS.) Vocês não vão acreditar. A Leninha deu a volta por cima. Eu chorava mais do que ela quando tocava esta canção! Aliás, ela já não chorava mais, depois de algum tempo. Deu a

volta por cima, mesmo! Sem
fazer análise.

(A BONECA VAI SE
ENTUSIASMANDO COM A
VOLTA POR CIMA DA LENINHA,
COMEÇA A DANÇAR, ABRE OS
BRAÇOS E CANTA:)

*Deu a volta por cima, deu
a Leninha deu a volta por
cima.*

*Levantou
a Leninha levantou
sacudiu
a poeira sacudiu, sim, senhor.*

*E depois
deu a volta por cima
abriu os bracinhos
bem atrevida
e saiu
correndo para a vida!
Foi cair, foi cair
nos braços da vovó.*

E não parou de cantar:

Uma avó

uma avó

*uma avó tem que ter o seu
lugar!*

*Uma avó tem que ter o seu
lugar!*

Deu a volta por cima...

A Leninha deu a volta por

cima.



(A CANÇÃO BEM ALEGRE VAI SUMINDO. A BONECA PARA DE CANTAR E SE VIRA SÉRIA PARA O PÚBLICO.)



Boneca:

Pois é. Leninha pegou sua trouxinha e veio morar na casa da vovó. Esta casa aqui, ó, linda. Leninha, que era uma princesa, ganhou um castelo. Uma casa enorme, com jardim, pátio, porão e sótão. Uma casa mágica... com segredos, com mistérios, com uma aranha que também conversava com a gente, pendurada na sua teia, com uma coruja que piava de noite na amendoeira do jardim, com o cheiro da magnólia e do jasmim

invadindo todos os cantos da casa, quando a noite chegava. Todo este palácio e... com uma avó dentro. A Leninha cresceu nesta casa. Aqui, ela foi muito feliz. Eu acho. Pelo menos a vovó, e logo depois a bonequinha aqui, fazíamos tudo para ela não ficar triste. Não é contar vantagem, não. Claro, a vovó fez mais, muito mais. Primeiro: ela me fez, não é? Um dia da semana, depois dos deveres, nesta casa muito grande, vovó olhou pra Leninha assim e disse: “Esta menina precisa de uma companhia”. E me fez. No dia em

que eu fui entregue à Leninha, num bercinho todo fofo – já com esta cara de safada que a vovó me fez – a Leninha quase morreu de felicidade. No sábado seguinte, já foi logo convidando os primos todos para o batizado. Boneca tem uma vantagem a mais sobre gente grande. Entre muitas. Quem se lembra do dia do batizado? Ninguém, não é mesmo? A gente é, em geral, muito pequenininha quando é batizada. Como bonecas já nascem do tamanho que vão ser quando crescer, elas se lembram de tudo, desde o dia em que

costuram os seus olhinhos no lugar. Foi a vó pregar os botõezinhos da cueca do vovô pra fazer meus olhos, eu abri os dois assim e comecei a prestar atenção. Lembro-me direitinho da água caindo nos meus cabelos de lã Santista e do Bruno, vestido de padre, falando: “Eu te batizo em nome do padreco, do filheco e do espírito sinteco!!!”. Ele era muito metido a engraçadinho, meu Deus! A Maria veio lá da cozinha com os doces e as balas de leite embrulhadas em papeizinhos coloridos e foi aquela farra. Me botaram o nome de Pitucha, que

este é mesmo um nome de bonecas de pano. Pouca originalidade. Eu podia me chamar Cláudia ou Brigitte. Custava nada! Aí, a vovó sentou no piano... quer dizer, sentou naquele banquinho que fica em frente ao piano e tocou mais uma das canções que ela inventava pra cantar todas as vezes que juntava os netos aqui na sua casa. Era uma musiquinha fácil... dava pra todo mundo cantar...

*Nasceu a boneca da
Leninha!*

Puxa! Puxa! Puxa!

Ela é muito engraçadinha.

Puxa! Puxa! Puxa!

*Vamos botar um nome
nela!*

*E o Bruno: Cara de panela,
nela, nela, nela...*

Estão todos convidados...

Puxa! Puxa! Puxa!

Para o batizado.

Puxa! Puxa! Puxa!

Já temos o nome!

Puxa! Puxa! Puxa!

Vai se chamar Pitucha!

Tucha! Tucha! Tucha!



Boneca:

Foi aí que eu entrei nesta história. A partir daí a Leninha ganhou uma companheira pra não ficar mais sozinha. Ela chegava da escola, fazia seus deveres e, logo, a gente ia brincar juntas, conversar, brincar de

casinha, de filha, de sarampo. Vovó era incrível: pintava minha carinha toda de pontinhos vermelhos. Eu ficava queimando de febre, uma febre bem fingidinha. A Leninha então me dava um xarope de mentira e ficava assistindo às pintinhas vermelhas feitas de éter colorido irem desaparecendo uma a uma da minha pele de pano branco. Às vezes, muito no comecinho de nossas vidas juntas, o Bruno aparecia para brincar de médico. Eu não assistia a todas as consultas. Eles sempre arranjavam um jeito de me deixar

de fora do consultório, mas quando quem adoecia era eu ou outra das bonecas da Leninha, aí a gente tinha que aguentar as gracinhas do Bruno.

Ah, eu me esqueci de dizer que a Leninha tinha outras bonecas. Bonecas chiques. O Bruno operou todas!!! Como ele sabia que tinha apenas palha dentro, nunca abriu a minha barriga para fazer inspeções. Mas abriu a barriga de todas as outras bonecas da Leninha pra tirar o microfoninho que falava: “Good morning, mommy!”.

Depois, ele foi aparecendo menos e cada vez menos. Uma das últimas vezes que eu me lembro de tê-lo visto aqui, ele tinha uma mania engraçadíssima: começava a contar um caso com a voz muito grossa e, de repente, dava um ganido igual ao de um cachorrinho: “Leninha, eu hoje vinha andando pela rua, quando de repeeeiiiiinnnnnte...”. Nesta altura eu já estava descobrindo que algumas coisas estranhas estavam acontecendo com o corpinho da Leninha. Ela começou a conversar menos

comigo, eu já não dormia no seu travesseiro, ficava debaixo das cobertas, muitas vezes dormindo entre as suas pernas. Até um dia em que nós duas levamos o maior susto. Foi de manhã. Quando acordamos, minha roupinha estava toda suja de sangue e o pijaminha da Leninha também. Ela chamou a vovó aos gritos: “Vó... vem ver!”. A vó entrou no quarto, viu o que tinha acontecido, abriu os braços e o sorriso, abraçou a Leninha e saiu dançando com ela pelo quarto, cantando:

*Bem-vinda, bem-vinda,
Leninha.*

*Bem-vinda, senhorita!
Bem-vinda, senhorita!
Ao mundo da mamãe
e ao mundo que já foi da
vovó!*



Boneca:

Eu não entendia nada.

Bonecas, mesmo muito inteligentes como umas e outras por aí, não entendem tudo que se passa com gente de verdade. A Leninha me explicou tudo. Eu estava muito assustada com as coisas que tinham acontecido naquela manhã. Foi uma linda conversa!!! Sabe de uma coisa??? Acho que foi a última grande conversa que tive com a Leninha. A partir daí, o tempo voou. Foi como se fosse daquela manhã para a noite. Quando eu olhei assim... vupt... a Leninha já era uma pessoa maior do que a avó dela. Abraçava a avó com os

dois braços por cima dos ombros, e a carinha da avó ficava com o queixinho fincado no meio dos peitos da Leninha. Meu Deus, a Leninha já tinha peitos, e eu não tinha visto eles crescerem.

Um dia, ou melhor, uma noite, eu ouvi uma voz grossa de homem dentro de casa, e ele falava de um jeito que não me era estranho. Só a voz é que era grossa. Eles estavam saindo de casa, os três. A avó vestida de longo negro, toda linda. A Leninha parecia uma artista de cinema. E aquele moço lindo, lindo de

smoking... todo cheio de charme. Nem ligaram para mim. Nem tinham por quê. Eram três adultos muito distantes de uma boneca de pano. Saíram sem me dizer boa-noite, claro. Eu fiquei olhando lá de cima do guarda-roupa, a porta do quarto estava muito aberta. Em cima da cama ficou um convite. E eu li lá de cima. Vocês não podem imaginar o que olho de botão de cueca enxerga! E nem acreditam que bonecas leiam, não é? Mas leem... aquela história de fingimento, de teatro, de bonecas que eu falei há algum tempo... pois é. Eu li o convite.

De longe. Era o convite de formatura do Bruno. Era Bruno, o lindo... era aquele boboca levando a minha Leninha, ela de longo, ele de *smoking*...

Depois, foram anos de silêncio. Não me lembro do dia em que vim parar aqui no sótão. Só me lembro que nunca mais ouvi os ruídos dos fins de semana, a algazarra dos netos da vovó, a alegria que a Leninha tinha trazido para esta casa...

Agora, eu sei o que foi que me acordou. É essa barulheira lá

embaixo. A noite toda que passou foi esse movimento... gente andando pela casa, vozes... Escutem... a casa está cheia de gente. Não tem ninguém correndo, não tem crianças gritando... Mas tem muita gente lá embaixo. Muita gente. Será que é alguma festa? Ah, meu Deus... como é que eu vou saber? Uma boneca não pode descer a escada de um sótão e chegar assim no meio de uma porção de gente fazendo perguntas. Aí, já não é teatro mais. Alguém podia vir aqui em cima me buscar. A Leninha podia

aparecer aqui agora, com aquela sua camisa branca de menino – que ela gostava tanto – aquela sua saia azul, sua pintinha na ponta do nariz e me dizer o que está acontecendo. Ela podia chegar agora e me dizer: “Vem, Pitucha!!”. Oh... Ouçam!... Passos na escada. Tem alguém subindo aqui para o sótão. Meu Deus... Deixa eu voltar ao meu lugar... (DEITA-SE E SE AJEITA.) Como é que eu estava? Ah... era assim... (ASSUME A POSIÇÃO ORIGINAL.) Ei... pessoal do teatro... Está vindo gente aí... Apaga a luz. (A LUZ SE APAGA.)



2.º ATO

(O SEGUNDO ATO COMEÇA COM TUDO ESCURO. OUVEM-SE OS ACORDES DE UMA CANÇÃO. A CANÇÃO É LENTA E MELÓDICA. CORAL.)

*Quem, quem, quem?
Quem será que vem aí?
Ouçam, ouçam, ouçam
toc, toc, toc,
passos, passos,
passos na escada...
Quem, quem, quem?*

*Quem será que vem aí?
Tão devagarinho
subindo os degraus da
escada
da escada que chega ao
sótão.*

*Virá buscar a Pitucha?
Ou virá falar com ela?
Quem, quem, quem será?*

(A LUZ VAI SE ACENDENDO
LENTAMENTE. O TELÃO AO
FUNDO QUE MOSTRAVA
DETALHES DO SÓTÃO, AGORA
MOSTRA O SÓTÃO INTEIRO,
COM O CANTO ONDE A CENA
ANTERIOR SE PASSAVA,

AGORA EM TAMANHO
NATURAL. EM PRIMEIRO
PLANO, O MESMO BAÚ,
AGORA NAS SUAS
PROPORÇÕES REAIS. DEITADA
A SEU LADO, NA MESMA
POSIÇÃO DA ATRIZ,
IGUALZINHO A ELA, UMA
BONECA DE VERDADE. EM
OUTRA PARTE DO SÓTÃO, A
BOLA DE FUTEBOL DO BRUNO,
NO TAMANHO EXATO.
CENÁRIO MEIO ILUMINADO, AS
COISAS TODAS EM SOMBRA. O
FOCO VAI SE ACENDENDO
SOBRE A BONECA. AO FUNDO,
O ALÇAPÃO DO SÓTÃO SE

ABRE. SURGE, FORTE, A LUZ QUE VEM LÁ DE BAIXO. SURGE A CABEÇA DE UMA MULHER. LOGO JÁ UMA PESSOA INTEIRA CHEGANDO AO SÓTÃO: UMA MOÇA DE UNS TRINTA E POUCOS ANOS, CAMISA BRANCA E SAIA AZUL. TEM UMA PINTA NA PONTA DO NARIZ. ELA VEM ATÉ O BAÚ. EXAMINA TUDO COM CUIDADO. NÃO VÊ A BONECA CAÍDA ATRÁS DO BAÚ. A MOÇA SENTA-SE NO BAÚ. ESTÁ MEIO TRISTE, MEDITATIVA. SÚBITO, ELA VÊ A BOLA DO BRUNO. PEGA A BOLA.)

Leninha:

Bruno. Meu herói, meu craque, meu primo... meu amor! O primeiro amor da minha vida. (LIVRA-SE DA BOLA.) Não... não quero lembranças agora. Não quero lembrar nada... Ou quero? (ANDA PELO SÓTÃO MEXENDO NAS COISAS. NÃO VÊ A BONECA.)

Voz feminina:

(VINDA DE BAIXO): Maria Helena! Maria Helena!

Leninha:

Estou aqui em cima.

Voz:

Estamos precisando de você aqui, Leninha.

Leninha:

Já desço.

Outra voz:

Leninha... vem cá...



Leninha:

(VAI ATÉ O ALÇAPÃO. PREPARA-SE PARA DESCER SEM TER VISTO A BONECA. COMEÇA A DESCER. VAI ABAIXAR A TAMPA DO ALÇAPÃO. SEUS OLHOS, FINALMENTE, DESCOBREM A BONECA DE PANO): Pitucha! Pitucha! (SOBE DE NOVO. CORRE, ANSIOSA, PARA O LUGAR ONDE ESTÁ A BONECA. TOMA-A NO COLO, ABRAÇA-A JUNTO AO ROSTO.) Pitucha... (SENTA-SE NO SOFÁ.) Quanto

tempo, meu amor... nem podia imaginar que você ainda existisse. (OLHA A PITUCHA NOS OLHOS, TERNAMENTE.) Você... você não mudou nada! (SORRI. SEGURA SUA CABECINHA POR TRÁS PARA MOVIMENTÁ-LA, ENQUANTO FINGE QUE A BONECA É QUE ESTÁ FALANDO. FAZ VOZ DE VENTRÍLOCO, IMITANDO A BONECA.) Bonecas de pano não envelhecem... (VOLTA A FALAR NATURALMENTE.) E nem morrem! (BEIJA A PITUCHA.) Você se lembra, Pitucha? Como era bom conversar com você,

minha amiga! (IMITANDO A BONECA.) Eu também adorava conversar com você. (NATURALMENTE.) Meu coração, hoje, vai arrebentar, meu Deus! Pitucha... vou te confessar uma coisa horrível... Eu tinha me esquecido de você. Bem que a vovó dizia: “A menina não pode morrer dentro da gente...”. (SORRI.) Mesmo que a gente não fique grávida. (PAUSA.) Lembra do meu primo Bruno? (VOZ DE BONECA.) Aquele burro? (VOZ NATURAL.) É... tinha um lado nosso que achava que ele era meio burrinho, você

se lembra? A gente tinha que explicar tudo para ele. (VOZ DA BONECA.) Eu não tinha a menor paciência! (VOZ NATURAL.) Pois o Bruno achava que ter uma menina dentro da gente era estar grávida... Como a vovó sabia das coisas, não é, Pitucha?! Ela me dizia: “Não deixe a menina morrer”. Ela me dizia isto quando eu comecei a crescer, quando eu comecei a ficar adulta: “A menina que você foi tem que permanecer com você. Você tem que crescer e deixar ela dentro do seu peito. E sempre do mesmo tamanho”. Para que eu pudesse abraçar

sempre esta menina... assim como estou abraçando você, Pitucha. Você é a minha menina dentro de mim... que bom te reencontrar. Eu estava quase te perdendo. Isto é uma conversa de gente grande, eu sei. Mas as crianças sabem tudo. Elas sabem do que eu estou falando! E as bonecas, também. Você sabe, não é, Pitucha? (VOZ DE PITUCHA.) Claro! (LENINHA RI DE SI MESMA.) Acho que se a vovó não tivesse feito você pra mim, a menina que fui teria morrido antes de eu crescer. Eu teria vivido adulta desde aquele

dia em que deixei minha casa e vim morar com a vovó. Aquele dia, no carro, vindo pr'aqui com meus livros, meus cadernos, meus brinquedos, eu vinha tão adulta! Eu estava tão craque para compreender as coisas, a vida! Imagina você que eu estava entendendo a mamãe, estava entendendo o papai, compreendendo tudo. Eu sabia exatamente como os adultos eram. E era capaz de explicar tudo para eles. Eu estava me sentindo uma sábia... Pura mentira, Pitucha! Eu não sabia nada. Eu estava era me

preparando para sofrer. (VOZ DA PITUCHA.) Seus pais te amavam muito! (VOZ NATURAL.) Ô, Pitucha, quantas vezes nós nos repetimos esta frase?! Quantas vezes?! Eu imitando uma voz que seria sua, pra você me dizer: “Seus pais te querem muito!”. É claro que eu sabia que eles me amavam. É claro que eles fizeram tudo pra eu não sofrer. Fizeram. Meu Deus, se eu não tivesse certeza disso é que ia ser mais terrível. Não ia ter jeito mesmo! Fico impressionada é de ver como a vovó entendia tudo. Escuta, Pitucha, a vovó era de

verdade mesmo ou será uma invenção da nossa cabeça, hein? Da minha cabeça?... Quando eu vim pr'aqui, vovó já era viúva. Esta casa imensa era toda dela... Vovó já era uma senhora... elegante, esperta, pequenina... Seu queixo ficava fincado no meu peito quando eu dava aqueles abraços imensos nela. Todo mundo achava que ela era muito só. Não era. A vovó inventava um novo dia a cada dia. Éramos só nós duas neste casarão. (VOZ DA PITUCHA.) Nós três... (LENINHA SORRI.) Vovó descobriu que faltava você. Com

todas as bonecas francesas e alemãs que tinha nas suas caixas coloridas, ela, logo que eu cheguei, sentou-se naquele sofá grande da sala e começou a te inventar. Ela te fez com tanto amor, Pitucha, só você vendo! Te costurava como um cirurgião plástico recompõe o nariz de uma dondoca... delicadamente. Quebrava a palha do enchimento de suas velhas almofadas de veludo com os dedos de fada... para o enchimento ficar bem macio e ir formando, redondinho, o seu peito, os seus braços. Te fez toda de seda francesa,

chiquérrima. Você é uma boneca nobre, Pitucha. (VOZ DA PITUCHA.) Eu sei! (VOZ NORMAL.) Vovó tem sobrenome deste tamanho. Nunca ligou pra isto. E me ensinou também a não ligar. Ela achava que a vida tinha sido muito generosa com ela e queria ser muito generosa com todo mundo. E a sorte foi minha. Eu fui muito feliz nesta casa. Você sabe... eu fui. (PAUSA. VOZ DA PITUCHA.) Eu também fui. (VOZ NORMAL.) A sorte foi nossa. Você já estava pronta e só faltavam os olhinhos. Vovó te costurava cantando a canção que

ela inventou... você já tinha
orelhinhas... não tinha olhos ainda
mas já escutava... Lembra?
(CANTA.)



*Eu saí da sua caixa de
costura,*

(A BONECA DANÇA NO COLO
DA LENINHA.)

muita linha, muita renda e algodão.

Vovó tirou a palha do colchão

(TIRA PALHAS DO CORPO DA PITUCHA.)

e usou suas agulhas de bordar...

fez de seda a minha saia rendada

de um vestido que ela usou pra se casar.

(VOZ EMBARGADA. NÃO CONSEGUE CONTINUAR

CANTANDO.)



Você ouvindo tudo... louca para ver o que estava acontecendo. Foi assim, vou te contar. Vovó foi lá dentro do quarto secreto, onde ela guardava todas as suas relíquias. Voltou às gargalhadas. Trazia na mão um cuecão daqueles bem antigos do vovô, um cuecão branco de botõezinhos pretos. E ela disse: “Vou fazer os olhos da sua boneca com estes botõezinhos. Pra ela ficar bem safadinha”. E riu de novo. Um riso bom, só você vendo. E repetiu:

“Bem safadinha!”. E deu aquele suspiro!



Mal a vovó acabou de pregar os olhinhos na sua cara, ela foi

para o piano acabar a canção que estava fazendo pra você cantar e dançar... A vovó devia durar para sempre, não é, Pitucha? Que mulher sensacional. Deus não devia deixar essas pessoas irem embora antes da gente. Eu acho que ele faz isto é para protegê-las... para elas não sofrerem com as nossas perdas. Só pode ser! Você lembra dos doces que ela fez pro batizado? (VOZ DE PITUCHA.) Fez, não. Mandou fazer. Vovó era muito ruim de cozinha. (VOZ NORMAL.) Ninguém é perfeito, Pitucha. É mesmo... você tem razão. Vovó,

se botasse água na panela pra ferver, a água queimava. Mas sempre teve gentes mil para ajudá-la. Lembra da Maria cozinheira? As balinhas de leite que ela fazia!!! Ah... as festas da vovó! E do Bruno? Você se lembra?

(CABECINHA DE PITUCHA NEGA, BALANÇANDO FRENETICAMENTE, SEM PARECER QUE ESTÁ SENDO COMANDADA PELOS DEDOS DE LENINHA.)

Leninha:

O Bruno... “Em nome do padreco, do filheco...” Você não achou graça alguma, não foi? Você não achava muita graça no Bruno. (INFORMANDO À PLATEIA.) Ciumenta!!! (PAUSA. MEDITA.) Por onde andará o Bruno? Você quer saber, Pitucha? Jogou tudo pro alto. Uma bela carreira pela frente, a clínica linda em Botafogo, o prestígio da família de médicos... veio aqui, avisou só pra vovó – que é quem entendia tudo – e foi ser médico na África... Biafra... Médico Sem Fronteira! Nunca mais tivemos notícia dele.

(SUSPIRO. PAUSA.) Primeiro amor, Pitucha, é muito lindo mas não é o amor para sempre. (PAUSA.) Ou será que é? Eu pensei que não ia poder viver sem o Bruno.

Lembra, Pitucha, das perguntas bobas do Bruno? (SUSPIRA.) Como eu gostava de tudo que ele fazia!!! Um dia ficamos adultos, e eu descobri que ele não era mais o meu amor. Você entende? Eu era outra Leninha, ele era outro Bruno. Ele sofreu muito quando descobri isso. E aí, sumiu... E o

que aconteceu comigo, essa maluca? Eu não consegui mais amar ninguém. Você entende esta conversa, Pitucha? Uma criança entenderá o que eu estou falando? Será que é bom elas ouvirem falar dessas coisas tão complicadas? Vamos parar com esse assunto, vamos?!... Eu falei que não queria recordar. (SUSPIRA.) Bruno...

Voz lá embaixo:

Leninha... Maria Helena!

Leninha:

Já vou. Eles, hoje, têm que me

chamar para tudo, Pitucha. Esta casa é um pouco minha, minha avó é mais minha do que dos outros... Sou eu que vou ter de resolver tudo... Mas... eu não quero voltar lá pra baixo. Eu quero ficar aqui com você. Eu hoje não queria ser gente grande, Pitucha. Está tão duro, tão difícil. Eu hoje queria brincar com boneca... quero é ficar aqui, fingindo que estou conversando com você... fazendo a minha voz e a sua voz. Você fala comigo, Pitucha? Fala? Fala, Pitucha? Eu sei que você não vai falar nunca mais... Não vai, não é? É... eu

não sei mais onde vou achar graça para inventar as suas respostas... Não precisa me olhar com esta cara de zangada, Pitucha... Calma. Eu sei que você “cria” as suas respostas. Eu só dublo você. Não precisa ficar me olhando assim, com estes seus olhos pretinhos... Olha, Pitucha... vai parecer esquisito eu te dizer isto, mas neste nosso reencontro aqui... agora... apesar de tudo... eu acho que dá pra eu me sentir feliz. Eu estou feliz, Pitucha, mas não estou alegre. Você sabia que isso era possível? Quando você crescer, você vai entender. Você,

não. As crianças que estão me ouvindo é que vão. Você sabe tudo...

(VOLTAM A CHAMAR LÁ EMBAIXO.)

Leninha:

Já vou. Já vou. Eu vou ter que ir. Adeus, Pitucha. Eu volto aqui, um dia, pra te visitar de novo. Agora, eu não vou te esquecer mais. Sabe de uma coisa? Acho que eu vou levar você comigo. Eu agora tenho minha própria casa, Pitucha. Com uma cama larga e tudo.

Cabe muito bem você lá. Ah, Pitucha, eu vou levar você pra botar você toda enfeitadinha na minha cama. Não é uma boa ideia? Você vai ficar uma gracinha, enfeitando meu quarto, toda penteadinha... Ah, você vai deixar minha cama linda, paradinha lá no centro. Ah, já sei, te compro um vestidinho de Barbie... (VOZ DE PITUCHA.) Nãããão! (VOZ NORMAL.) Desculpe, Pitucha... eu estava brincando. Eu conheço você. Você ia odiar isso. Boneca de pano não é enfeite... não é

estátua!



Eu sei, Pitucha. A boneca só existe se a menina existe. Pois a menina está inteira aqui agora. Eu não vou levar você para enfeitar minha cama, Pitucha. Vou deixar você aqui... no sótão da casa da vovó... um túmulo digno para uma boneca de pano! Este sótão. E aí, quando eu tiver uma filha da idade que eu tinha quando te ganhei, eu venho buscar você... pra você ser filha da sua irmãzinha. É... eu vou conseguir amar de novo, Pitucha. É só eu entender que o amor que existe

aqui dentro ainda está vivo. Só precisa ser refeito. Como eu me refiz inteira quando te reencontrei. Eu vou achar um pai lindo para a sua futura mãe...

Voz de baixo:

Leninha... Maria Helena... desce aqui. (PAUSA.) Sabe quem chegou, Leninha? Sabe quem?

Leninha:

Quem? (PAUSA.) Quem?

Voz:

O Bruno. O Bruno chegou, Leninha.

Leninha:

(DUAS VOZES AO MESMO
TEMPO:

LENINHA E PITUCHA.) O
Bruno???!!!

Voz:

É, Leninha. Ele soube... deu
um jeito e chegou a tempo...

Leninha:

Pitucha... é o boboca, Pitucha.
Ele voltou.

Voz do Bruno:

Leleca... é o padreco!

Leninha:

Pitucha... É ele... fazendo gracinha... Oh, Pitucha... como é que eu posso estar tão triste e tão feliz? (PARA BAIXO.) Já vou! (OUTRO TOM.) Fica aqui, Pitucha. Eu volto. (VAI SAINDO.) Ah, sim, Pitucha... eu não te disse por que nós estamos todos aqui de novo, depois de tanto tempo. Estamos todos aqui, Pitucha... os primos todos, os tios, as tias, todo mundo. Sabe, Pitucha?... Vou ter que levar você lá embaixo. Vem! Vou ter que descer com você... pra você rever

o Bruno... pra você rever os primos todos... (VAI SAINDO COM A BONECA.) Pra você rever os tios... pra gente chorar junto, Pitucha... Pra, juntos... nós todos darmos adeus à vovó!



(LENINHA FECHA O ALÇAPÃO.
APAGA-SE A LUZ. ENTRA A
CANÇÃO FINAL CANTADA PELO
MESMO CANTOR DA CANÇÃO

INICIAL.)

*Vovó partiu
um dia, ela tinha que ir.*

Adeus, vovó!

*As bonecas, os netos,
os filhos, o mundo, vovó,
todo mundo*

vai ficar

mais triste sem você.

Adeus, vovó...

*As bonecas que fingem
sorrir*

*as bonecas que fingem
chorar*

*todas as bonecas do mundo,
vovó,*

querem ser como você

Adeus, vovó

Adeus, adeus...

Adeus, vovó!



Ziraldo nasceu em Caratinga, Minas Gerais, em 1932. Começou sua carreira nos anos 1950 em jornais e revistas como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro* e *Folha de Minas*. Autor de livros infantis, ilustrador e cartunista, Ziraldo tem suas obras traduzidas para diversos idiomas, entre eles inglês, espanhol, alemão, francês e italiano. Seu maior sucesso, *O Menino Maluquinho*, com mais de 100 edições e 3 milhões de exemplares, tornou-se um ícone da literatura infantil brasileira.

Quase todos os livros que Ziraldo escreveu para crianças já foram adaptados para o teatro pelos mais diferentes produtores e diretores de teatro infantil no Brasil, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. É possível que, depois de Maria Clara Machado, ele seja o autor mais encenado no país; e sem nunca ter escrito uma peça de teatro para crianças. O texto que você acabou de ler é, como se vê, a primeira experiência de Ziraldo no gênero. Sua esperança é que este duplo monólogo obtenha o mesmo sucesso das adaptações que tiveram *Flicts*, *O Menino Maluquinho*, *Uma Professora Muito Maluquinha* e tantas outras que foram feitas de seus livros. E o desejo dele é, certamente, ver uma jovem atriz brasileira decidindo enfrentar o desafio de ser,

sozinha, as duas personagens desta história.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2001 Zivaldo Alves Pinto

Ilustrações: Mig

Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:

© 2001, 2011 Editora Melhoramentos Ltda.

1.^a edição digital, julho de 2014

ISBN: 978-85-06-07572-2 (digital)

ISBN: 978-85-06-06626-3 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

